

REVISTA MARACANAN

Artigos

O "Teatro da Natureza" no sertão do Macacu - século XVIII

The "Theater of Nature" in the hinterland of Macacu – XVIII century

Vinicius Maia Cardoso*

Universidade Salgado de Oliveira
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 30 abr. 2023.

Aprovado em: 18 out. 2023.

Publicado em: 29 dez. 2023.



* Professor da Universidade Salgado de Oliveira (Universo), Campus Niterói. Doutor e Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira; Especialista em História Moderna pela Universidade Federal Fluminense; graduado em Estudos Sociais pela Universidade Salgado de Oliveira. (maia-vinicius@hotmail.com)

 <https://orcid.org/0000-0001-7175-4449>

 <http://lattes.cnpq.br/1160110437001797>

Resumo

O Sertão do Macacu se constituiu, na segunda metade do século XVIII, como área de exploração aurífera tardia na capitania do Rio de Janeiro. A partir da documentação denominada "Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790", existente na Seção de Manuscritos da Biblioteca Nacional, e mandada compilar pelo vice-rei do Brasil Luís de Vasconcelos Sousa, além de outras fontes, o presente artigo busca apresentar alguns saberes e técnicas elaboradas no contexto da ilustração portuguesa, que serviram como instrumentos para a conquista deste espaço de sertão.

Palavras-chave: Sertão do Macacu. Ilustração. Saberes e Técnicas.

Abstract

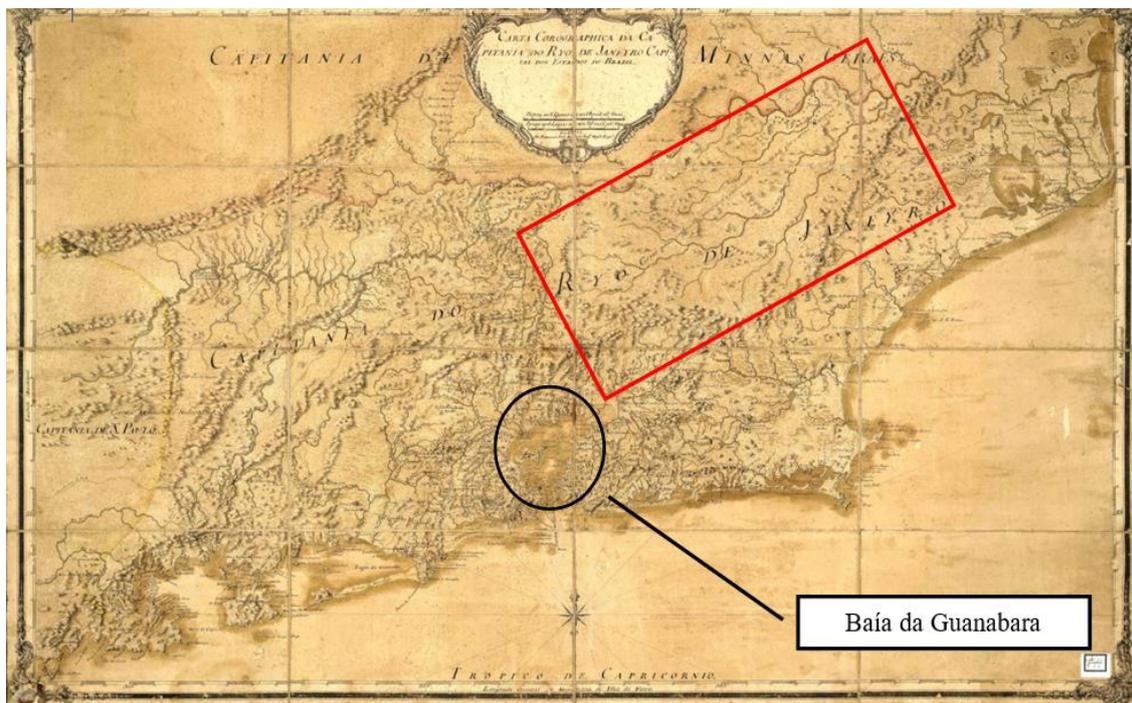
In the second half of the 18th century, the Sertão do Macacu was an area of late gold exploration in the captaincy of Rio de Janeiro. Based on the documentation in the "Correspondence and documents relating to the New Mines of Macacu in Rio de Janeiro, of which Manuel Pinto da Cunha e Souza was general superintendent. Rio de Janeiro, 1786-1790", held in the Manuscripts Section of the National Library and compiled by the Viceroy of Brazil Luís de Vasconcelos Sousa, as well as other sources, this article seeks to present some of the knowledge and techniques developed in the context of Portuguese Enlightenment, which served as tools for the conquest of this backland area.

Keywords: Hinterland of Macacu. Enlightenment. Knowledge and Techniques.

Por vezes, as produções cinematográficas trouxeram-nos filmes em que exércitos se moviam, combatiam e estabeleciam seus acampamentos. Em muitas dessas produções, passava-nos despercebido o fato de que nenhum desses movimentos poderia ser feito por homens de barrigas vazias ou desprovidos dos instrumentos e conhecimentos necessários à atividade de conquista. No mundo real, era obrigatória a organização de toda uma logística para a manutenção desses homens e a utilização de certas tecnologias. Numa analogia possível, conquistar e ocupar um sertão no Brasil colonial não era tarefa que se resumisse em apenas estabelecer ali tropas militares. É fantasiosa a perspectiva de que, pelo simples fato de serem áreas florestadas, estariam garantidas as necessidades alimentares à sobrevivência.

O Sertão do Macacu, demarcado abaixo, na Figura 1, se constituiu, na segunda metade do século XVIII, como área de exploração aurífera tardia, território limitado a Sul pelo rio Macacu; a Norte pelo rio Paraíba do Sul, fronteira com Minas Gerais; a Oeste pela freguesia de Inhomirim (Magé); a Leste, Campos dos Goytacazes e Macaé.

Figura 1 – O Sertão do Macacu, 1777.



Fonte: ROSCIO, Francisco João. *Carta corographica da capitania do Ryo de Janeyro, capital dos estados do Brasil*. [S. n. t.], 1777.

Era possível a um grupo de homens em meio a uma exuberante floresta e, no caso em tela, o Sertão do Macacu, no interior da Mata Atlântica, morrer de fome ou sofrer pela carência

de medicamentos, roupas, instrumentos de trabalho, abrigo e proteção contra o calor, o frio, os animais e as intempéries. Urgia, também, aos colonizadores como aos exércitos, a necessidade de uma logística que garantisse essa ocupação e sua manutenção, ao menos até o completo estabelecimento de áreas agricultáveis, ao redor de centros de repovoamento como arraiais, vilas e o uso de tecnologias que viabilizassem essa mesma ocupação.

A ocupação do Sertão do Macacu, portanto, apresentou a necessidade do estabelecimento de uma complexa rede de relações, as quais aparecem descortinadas em parte na documentação da "Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790",¹ daqui em diante mencionada apenas como "Correspondência...". Esse conjunto de fontes foi organizado no governo do vice-rei do Estado do Brasil Luís de Vasconcelos e Sousa (1779-1790).² Na "Correspondência..." se encontram vários documentos, com os mais variados assuntos trocados entre agentes sociais como o vice-rei do Brasil, os superintendentes das Minas, o capitão-mor e a Câmara Municipal da Vila de Macacu (Santo Antônio de Sá), os oficiais comandantes dos Pousos, Ranchos, Registros e Guardas espalhados pelo Sertão, militares de baixa patente, comerciantes, tropeiros e oficiais de ofício, clérigos, médicos, cirurgiões, etc. Também aparecem relações de gêneros enviados pela Fazenda Real (alimentos, equipamentos, remédios etc.), relações de compra de muares, bovinos e cavalos, listas de escravos e indígenas trazidos da Fazenda de Santa Cruz e do aldeamento de São Barnabé, quadros com a composição das tropas presentes no Sertão, planos de construção de pontes, relatos de incursões, descrições do ambiente, levantamentos da arrecadação de impostos pela passagem de tropas pelas guardas, descrições de pousos e registros e várias outras informações.³ A documentação é integrada por cartas, ofícios, bilhetes e determinações oriundas de Lisboa, do Rio de Janeiro, dos oficiais, militares instalados ou em missão pelo sertão, das autoridades a serviço da Coroa em distritos limítrofes, comunicados e documentos vindos de outras localidades e do interior do Sertão do Macacu. Um conjunto documental que se configura como registros do cotidiano vivido na conquista desse Sertão.⁴

Entendo ser possível pensar o controle e a ocupação do Sertão do Macacu em duas fases: a primeira de 1763 a 1778, quando o Sertão foi definido como "área proibida" e buscado vedar

¹ Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro (BN-RJ). Manuscritos - 09,03,017-021. Correspondência e documentos relativos às novas minas de Macacu, do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790. 5 vols. 1338 p. (Cópia).

² Arquivo Nacional - Rio de Janeiro (AN-RJ). Mapa Memória da Administração Pública Brasileira. Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Figueiró. Disponível em Luís de Vasconcelos e Sousa, conde de Figueiró (an.gov.br) Acesso em 15 ago. 2022.

³ Na forma como foi organizada pelos seus contemporâneos, apresenta-se compilada em cinco volumes, totalizando 693 documentos e 1.338 páginas. Tomando esses volumes em separado, observa-se a seguinte divisão nessa coleção, de acordo com seu catálogo na Biblioteca Nacional: no primeiro volume, de n.º 017 (1786), encontram-se transcritos 211 documentos; no de n.º 018 (1787), 286; no n.º 019 (1788), 133; no n.º 020 (1789), 50; e, no volume de n.º 021 (1790), os últimos 13 documentos da compilação.

⁴ Cumpre alertar que todas as fontes, na sua transcrição, foram atualizadas para a Língua Portuguesa atual – salvo casos excepcionais – visando possibilitar maior agilidade na leitura.

e esvaziar de qualquer possibilidade de sua ocupação, e uma segunda fase, de 1779 a 1790, quando durante a gestão do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa, deu-se curso a uma nova política definida pela Coroa, em que o Sertão do Macacu passou a não mais ser tratado como área proibida, mas sim espaço aberto à sistemática ocupação controlada pelo Estado. Neste sentido, sua efetiva conquista e ocupação – eventos nos quais aparece largamente mencionada na historiografia produzida sobre o Sertão do Macacu a figura do faiscador Manoel Henriques, o "Mão de Luva"⁵ – exigiu das autoridades coloniais a realização de um cotidiano trabalho de organização que integrasse não apenas uma logística de abastecimento, mas também outros agentes sociais envolvidos na empreitada: clérigos para o atendimento religioso, cirurgiões para os doentes, "práticos" (guias) especializados nos caminhos do sertão, tropeiros e seus acompanhantes, técnicas de engenharia etc. Precisava-se abastecer de gêneros alimentícios os agentes sociais envolvidos na ocupação do Sertão, tais como os negros escravizados, fossem pertencentes à Coroa ou não, os oficiais de ofício necessários aos vários trabalhos como carpinteiros, oleiros e artesãos, as tropas militares e outros. Um verdadeiro "exército" de homens envolvidos nas atividades necessárias à ocupação e controle do Sertão do Macacu.

Os homens, envolvidos nessas ações, fossem livres, libertos ou cativos, precisavam, necessariamente, comer. E, certamente, comer mais de uma vez por dia. Em sua fase inicial de ocupação, apresentou-se a esses homens, parafraseando legenda existente no mapa de Roscio, um Sertão ainda "montuoso e emboscado", desprovido, portanto, de relativa autonomia em produção de gêneros de abastecimento, a qual somente áreas já "civilizadas" poderiam garantir. Neste sentido, foi absolutamente necessário buscar a aquisição de imprescindíveis gêneros alimentícios, basicamente farinha de mandioca, arroz e feijão, em áreas com consolidada produção agrícola, além de outros produtos, como aguardente, carnes e peixes salgados, carne "verde" através da entrada de gado em pé, sal entre outros, até que se pudesse garantir, dentro do próprio Sertão do Macacu, a sua produção, ao menos nos itens mais básicos. Para o transporte desses gêneros, a compra de sacos, o uso de tropas de muares, contratadas a particulares ou mesmo pertencentes ao Estado, a utilização de canoas para também transportar gêneros através dos rios, foram expedientes obrigatórios para garantir o abastecimento diário.

Abastecimento este não apenas dos homens envolvidos. Também os muares nos trajetos até o interior do sertão precisavam comer, beber e descansar e, neste aspecto, a busca por pastos ou sua própria constituição fez-se necessária, bem como a compra de milho para o sustento das centenas de burros e mulas encaminhadas ao Sertão do Macacu. Da mesma forma, as mulas e cavalos dos militares necessitavam sustento. Por sua vez, os tropeiros e seus escravos precisavam também comer, nos longos trajetos, de léguas, percorridos.

Os carpinteiros, pedreiros, oleiros e artífices necessitaram ferramentas como enxadas, machados, enxós, martelos, pregos, foices e serras para obter madeiras, necessárias para obras

⁵ Embora não abordando exclusivamente sobre "Mão de Luva", há vasta bibliografia sobre o Sertão do Macacu; ver: Érika Mendonça Peixoto (2013a; 2013b, p. 310-326); Célia Nonata da Silva (2007); José Antônio Soares de Souza (1980).

como pousos, guardas, paióis, canoas, pontes e casas. Os militares demandavam uniformes, armas, pólvora, chumbo e patronas. Para a iluminação, remessas de azeite, candeeiros e algodões (certamente para os pavios). Remédios os mais variados para os doentes. Aguardente para todos, livres e cativos e vinho para as missas. Panos para se vestir os cativos e artigos para "negociações" com os indígenas, como panos, miçangas, tesouras, ferramentas e facas.

Muitas dessas necessidades, em alimentos, animais e outros artigos, buscaram ser satisfeitas através da aquisição de gêneros para abastecimento nas freguesias estabelecidas no recôncavo da baía da Guanabara ou em regiões como Minas Gerais, Pernambuco, São Paulo e outras áreas na capitania do Rio de Janeiro. Intui-se que artigos oriundos da metalurgia como ferramentas agrícolas ou para extração de madeiras, tecidos ou artigos com estes produzidos, utensílios, fossem adquiridos externamente à Colônia. Foi então preciso que se estabelecessem redes de circulação econômica para aquisição, distribuição e consumo de bens, ligando a vila de Santo Antônio de Sá,⁶ centro dinâmico da conquista e ocupação do Sertão de Macacu, com pousos, guardas e o arraial de Cantagalo, ponto final da ocupação.

Por outro lado, não apenas gastos à Provedoria Real e seus armazéns, deveria o Sertão do Macacu proporcionar ao erário público. Formas de se extrair ganhos com sua ocupação deveriam ser implementadas. Na segunda fase de seu processo de ocupação e integrando as relações econômicas, buscaram as autoridades coloniais incentivar a produção agrícola através da disponibilidade de terras aos interessados, onde anteriores agricultores expulsos, durante a ação do conde da Cunha, não hesitaram em requerer a devolução de suas sesmarias.⁷ Também na intenção de se auferir lucros, uma sistemática organização de datas minerais foi estabelecida pelas autoridades no Sertão do Macacu, associando-se, portanto, a produção agrícola à atividade mineradora controlada, de perto, pelo Estado. Todas essas atividades buscavam adquirir recursos através de taxas, incluindo-se, também, ao conjunto dessa economia, as cobradas nos Registros então estabelecidos, sobre a entrada no Sertão de escravizados, gado, muares e outros gêneros.

Buscou o Estado equilibrar seus custos com o uso de suas próprias tropas de muares, mão-de-obra indígena ou negra, e estabelecer acordos favoráveis visando à agricultura, extrativismo mineral e meios de transporte feitos por tropeiros particulares e proprietários de canoas. Junto a esta racionalidade econômica, infiro ser possível perceber, no Sertão do Macacu, traços da influência do pensamento ilustrado luso – traços os quais apresento alguns exemplos mais à frente –, em que a utilização de saberes e de técnicas foram aplicadas para viabilizar a

⁶ A vila de Santo Antônio de Sá foi a primeira criada no recôncavo da Guanabara, em 5 de agosto de 1697, pelo governador do Rio de Janeiro, Artur de Sá e Menezes. Localizada próxima à confluência dos rios Macacu, Cacerebu e Guapiáçu, serviu como controladora de uma das principais entradas para o Sertão do Macacu. Cf.: Amantino; Cardoso (2008). Ver também: AN-RJ. Auto de Ereção da Vila de Santo Antonio de Sá. Extraído do Registro de Ordens Régias. Códice 78, vol. 12, p. 132v-134v.

⁷ Na segunda metade do século XVIII, em 1765, quando o ouro de Minas Gerais dava sinais de diminuição da quantidade extraída, surgiu a notícia de que no Sertão do Macacu havia sido encontrado o ambicionado metal. As autoridades se mobilizaram para continuar a contenção dos desvios e contrabandos: o vice-rei conde da Cunha, sob ordens do rei de Portugal, mandou demolir casas, fazendas e expulsar todos que fossem então encontrados no interior do Sertão do Macacu. Cf.: Vinicius Maia Cardoso (2019).

sua ocupação, exploração econômica e buscar compreender o complexo "Teatro da Natureza" que desafiava os homens que nele se aventuravam.

Atuando no "Teatro da Natureza"

Segundo Gisele Cristina da Conceição (2016, p. 157), as influências do pensamento ilustrado do século XVIII em Portugal, trouxeram

esforços significativos por parte da Coroa e da massa intelectual portuguesa na tentativa de trazer, e ou refletir, toda essa efervescência filosófica para Portugal e iniciar aqui possíveis transformações na ciência e filosofia do período. Podemos considerar, como um dos principais atos nesse sentido, a contratação do naturalista italiano Domenico Vandelli...

Neste sentido, o Estado luso, no intento de sua modernização, passou a buscar mapear e reconhecer melhor as possibilidades de suas colônias, entre estas o Brasil. Segundo ainda Conceição (*Ibidem*, p. 159),

Os objetivos que levavam aos trabalhos de recolha de informações, que visavam os mais variados propósitos - estes relacionados com questões econômicas e políticas: como no caso da verificação de espécies de árvores que tivessem uma madeira boa para a construção de embarcações; os relatos e diários que tinham por objetivo demarcar o território e que levavam em consideração, na maioria dos casos, os aspectos hidrográficos, regime de cheias dos rios e índice de piscosidade; relatórios de viagens de expedições para reconhecimento das tribos indígenas; e muitos outros.

Com base nas fontes para o Sertão do Macacu e a região do vale do Macacu e em textos como os de Domenico Vandelli presentes em *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas (1789-1815)* (1990 [1789]), apresentam-se pistas que demonstram influências do pensamento ilustrado luso. A respeito dessa publicação, escreveu José Luís Cardoso (1990, p. XVIII):

Através destes testemunhos, manifesta-se de forma credível, a vocação da Academia das Ciências de Lisboa para a constituição de um saber novo, para a construção de novas abordagens sobre a realidade portuguesa e, sobretudo, para a divulgação de saberes práticos dos quais se pudesse retirar público proveito e utilidade social. Sem perder o seu estatuto de instituição de escol, sem que os seus membros perdessem o vínculo à memória dos bancos da Universidade de Coimbra, a Academia procurava romper as distâncias entre o discurso teórico de feição abstrata e as ações práticas baseadas na tradição. E assim, se fazia mensageira dessa vontade, tão característica do espírito das Luzes, de ousar saber e de usar saberes.

Os estudos voltados para o conhecimento do mundo natural, ao que Domenico Vandelli chamava de "Teatro da Natureza", buscaram, não apenas um caráter pedagógico, mas também prático:

A orientação pragmática foi dominante durante os períodos mariano e joanino. Neste sentido, a Universidade de Coimbra teve um papel decisivo na difusão de um novo saber no período pós-pombalino. [...] Seria constituído de um conjunto de cursos dedicados a investigações da natureza, os Teatros, como eram

chamados os centros de atividade prática de dissecação, classificação de plantas úteis, isolamento de substâncias e invenção de artefatos mecânicos (Munteal Filho, 2006, p. 18-19).

E ainda que...

A reforma da Universidade deveria articular esses centros de geração de conhecimento. [...] Para dirigir este Laboratório foi chamado Vandelli, que havia sido nomeado, pelo decreto de 11 de setembro de 1772, lente da cadeira de História Natural e de Química. A necessidade de conhecer o mundo natural, de investigar os fenômenos físicos e químicos, relaciona-se também, de certo modo, com a tomada de consciência da crise econômica e financeira em que o reino se encontrava no final da administração pombalina (*Idem*).

Abrem-se aqui as portas de entrada ao Sertão do Macacu e seu entorno, como também grande laboratório, onde o "Teatro da Natureza" apresentou-se como campo fértil em possibilidades de estudos. Espaço este integrante do mundo colonial impactado pelas reformas de caráter pragmático, levadas a cabo ao longo do recorte temporal referente à "Correspondência..." de 1786 a 1790, durante o período mariano:

A apropriação da Natureza consubstanciava-se não só nas produções naturais das colônias, mas também, se refletia na utilização do vocabulário das Luzes, do processo de comunicação entre os letrados de diversas partes da Europa, feito através da exploração de temas como a Agricultura e a História Natural. Havia uma apropriação material das palavras iluminadas sob a forma de práticas-discursivas que detectavam os problemas e apontavam os campos de ação efetiva dos intelectuais-ilustrados de base naturalista e armados pelo Estado. A forma alegórica da Natureza foi progressivamente reordenada pela Academia das Ciências e substituída por uma imagem do Mundo Natural das colônias alicerçada na observação e na experiência (Munteal Filho, 2006, p. 22).

Em um dos textos, intitulado "Memórias sobre a agricultura deste reino, e das suas conquistas", em parte dedicada ao Brasil, temos: "Nas aldeias pois, e aos arredores das cidades postas mais no interior do país, se cultiva somente o que pode ser suficiente para um módico sustento dos seus habitantes, consistindo a cultura em mandioca, milho e algodão" (Vandelli, 1990, p. 131).

Na "Descrição do que contém o distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro], de 07 de abril de 1797", o autor anônimo escreveu:

Na plantação destes gêneros [cana, mandioca, arroz, milho e feijão], estão formados os estabelecimentos destes Lavradores, em que acham ou tiram a sua maior conveniência e não a procuram adiantar com outra qualquer Lavoura, talvez p q se lhes não faça preciso ou p q vivem aferrados ao uso e costume dos seus antecessores, se não pela qualidade da terra, que certamente é boa, pois além de dar com abundância os gêneros já referidos, dá bom Café, Cacau e Algodão, no que podiam também ter vantagens nos seus rendimentos.⁸

⁸ Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), Conselho Ultramarino (CU), Rio de Janeiro (RJ), cx. 165, doc. 62; cx.161, doc. 12071. Descrição do que contém o distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro]. Rio de Janeiro, 7 de abril de 1797. Contém anexo com mapas (planilhas).

Além deste relato, essa fonte apresenta um minucioso levantamento dos rios, lagoas, plantas, animais, peixes, insetos (realmente não se citam as abelhas), tipos de culturas agrícolas, qualidade das terras etc. Também se observa uma "Relação das madeiras que abundam os vastíssimos Sertões do Distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu, e dos seus nomes, quantidade e préstimos, à exceção daquelas que somente servem para Lenha".⁹ Ainda integram a fonte tabelas com listagens de centenas de pessoas envolvidas nas atividades econômicas na região de Macacu. Proprietários de engenhos, fábricas de farinha, lavouras, casas de comércio e vários detentores de ofícios.

Esse acurado levantamento era voltado para instruir a administração – inclusive no aspecto fiscal – e na busca de se tentar apreender o potencial produtivo da região de Macacu. Em seu artigo "Memória sobre algumas produções naturais deste reino, das quais se poderia tirar utilidade", Vandelli comenta sobre a utilização e tipos de diferentes argilas para feitura de porcelanas e louças ou cadinhos "e outros vasos químicos". Um conhecimento técnico que pode ter sido transferido ao sertão, mediante a atividade de oleiros profissionais. Segundo as fontes, em carta do militar comandante das tropas no interior do Sertão do Macacu, tenente-coronel Manoel Soares Coimbra ao vice-rei Luís de Vasconcelos Sousa, datada de 13 de novembro de 1786, este informou que o mestre oleiro Felipe Gomes havia chegado ao Sertão no dia 11 de novembro, com o escravo Adão (de outro dono, Mathias Cordeiro):

conforme Vossa Excelência me avisa na Carta de 30 de Outubro próximo precedente, que por haver chegado doente não tem saído a examinar se há barro suficiente, e com as circunstâncias precisas para o fim a que Vossa Excelência o mandou: o que pretende fazer logo que esteja mais restabelecido, ficando a meu cuidado participar a Vossa Excelência do que houver a este respeito.¹⁰

Figura importante, Felipe Gomes foi alvo de todas as atenções para que alcançasse o interior do Sertão para exercer seu especializado ofício. Em carta de 30 de outubro, o superintendente solicitava ao capitão-mor da vila de Macacu, Joaquim José da Fonseca, que, sem demora, o encaminhasse ao Sertão. Acompanhava esta carta a ordem do vice-rei Luís de Vasconcelos ao superintendente, no tocante a que "Felipe Gomes, Mestre Oleiro com o escravo Adão de Mathias Cordeiro passam com Portaria minha que deve ser apresentada a V. S^a para esse Sertão a fim de se ocuparem no trabalho de seu Ofício". Determinava, ainda, que todas as despesas com mantimentos seriam custeadas pela Fazenda Real.

Em seu artigo intitulado "Memória sobre algumas produções naturais das conquistas, as quais ou são pouco conhecidas ou não se aproveitam", Vandelli (1990, p. 147) escreveu:

Nas madeiras para a tinturaria, além das conhecidas, muitas outras tenho observado; as quais o Excelentíssimo Senhor Martinho de Mello mandou ao Real Laboratório Químico da Ajuda para examinar, de todas as quais se extraíam lacas

⁹ AHU-CU-RJ, cx. 165, doc. 62; cx.161, doc. 12071. Descrição do que... *Op. cit.*

¹⁰ BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09, 3, 017-021. Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

de diferentes cores e entre elas uma de cor encarnada, mais fixa que a do pau-brasil.

Anexas ao ofício de 11 de maio de 1778, o vice-rei Marquês do Lavradio remeteu ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar, Martinho de Melo e Castro, amostras de madeiras, ervas e outras plantas da capitania do Rio de Janeiro:

Por esta Nau remeto a Vossa Excelência diferentes amostras de Madeiras, Ervas e alguma Semente de Árvores e Plantas de que se extraem diferentes tintas, para que parecendo a Vossa Excelência manda-las examinar e achando que estes gêneros serão capazes de fazer utilidade ao Comércio, Vossa Excelência me determine a este respeito o que entender para eu auxiliar um Negócio tão importante debaixo das acertadas direções de Vossa Excelência.¹¹

Na listagem correspondente ao Distrito de Macacu, feita pelo mestre de campo Alexandre Álvares Duarte e Azevedo,¹² consta a raiz de fedegoso bravo, joapecanga, cajapihá, puaya, caroços de andaiasu e pinhão. Para tintas, casca de araribá (tinta vermelha), pau de espinho (tinta amarela) e sapucaia (tinta preta) além de outras. A lista se completa com uma longa série de tábuas de madeira e paus e se encerra com a anotação de uma "garrafa com óleo de copaíba". Por sinal, Vandelli menciona em seu texto o "araribá": "Da casca da árvore araribá do Pará e Maranhão se tira uma boa cor encarnada".¹³

A flora presente no Sertão do Macacu poderia ter precedido itens dos vegetais conhecidos dos portugueses e mencionados no artigo de Vandelli?

Não se pode afirmar.

Em relação à extração e envio de matérias-primas vegetais – e vários tipos de animais nativos – das conquistas lusas nas Américas para estudos em Portugal, visando o conhecimento do "Teatro da Natureza", foi possível fazer-se um breve levantamento destes envios, os quais aparecem no Quadro 1. Foi percebido que, no período relacionado ao governo do vice-rei Luís de Vasconcelos Sousa, durante o período mariano e único vice-rei do Brasil, que não apresentou feitos militares em seu currículo, o número desses envios foi superior aos feitos nos governos do conde da Cunha, Marquês do Lavradio e conde de Resende. Relembro que as "Correspondências e documentos relativos às Novas Minas de Macacu", de 1786 a 1790, foram produzidas no período de governo do vice-rei Luís de Vasconcelos.

¹¹ AHU-CU-RJ, cx. 116, docs. 20; 63; cx. 106, doc. 927. Ofício do vice-rei marques do Lavradio ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro, remetendo amostras de madeiras, ervas e outras plantas daquela capitania de onde se extraem diferentes tintas. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1778.

¹² Mestre de campo era um posto militar, no contexto da organização das tropas coloniais, formadas por tropas pagas, ditas de 1ª linha e tropas auxiliares. Segundo Angélica Ricci Camargo (2016, s./p.), a organização militar colonial "dividia-se em terços, com cerca de seiscentos homens subdivididos em dez companhias. Cada terço era comandado por um mestre de campo". O mestre de campo mencionado, bem como outros de demais distritos, aparece por várias vezes nas fontes sobre o Sertão do Macacu.

¹³ AHU-CU-RJ, cx. 116, docs. 20; 63; cx. 106, doc. 927. Ofício do vice-rei marques do Lavradio ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro, remetendo amostras de madeiras, ervas e outras plantas daquela capitania de onde se extraem diferentes tintas. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1778.

Quadro 1 – Envios de amostras de plantas, animais etc. para Portugal.

Vice-Rei	Período de governo	Envios
Conde da Cunha	1763 – 1767	Nenhum
Conde de Azambuja	1767 – 1769	02
Marques do Lavradio	1769 – 1778	06
Luis de Vasconcelos Souza	1778 – 1790	39
Conde de Resende	1790 – 1801	14

Fonte: AN-RJ. Índice da correspondência da Corte de Portugal com os vice-reis do Brasil no Rio de Janeiro de 1763 a 1807. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901.

Maria Beatriz Nizza da Silva (2013, p. 48) comenta:

O próprio vice-rei Luis de Vasconcelos e Sousa enriqueceu, no Rio de Janeiro, sua coleção particular de produções "naturais e artificiais", entregue aos cuidados de Francisco Xavier Cardoso Caldeira, conhecido como o "Xavier dos pássaros". Depois, ao partir para Portugal, levou tudo o que colecionara no Rio de Janeiro, exibindo-o no gabinete de História Natural, no seu palácio, na calçada da Glória, junto ao Passeio Público lisboeta. O envio de plantas e animais para as chamadas quintas reais foi também feito sistematicamente durante o governo desse vice-rei. Em setembro de 1786, foi a vez de "amostras de madeira e uma coleção de conchas e quatro viveiros contendo pássaros", selecionados com a ajuda de fr. Veloso.

O mencionado frei Veloso trata-se do franciscano José Mariano da Conceição Veloso, que produziu a monumental coleção da *Flora Fluminense*, com desenhos de 1.639 espécies vegetais presentes na capitania. A coleção foi organizada entre os anos 1783 a 1790. Vale frisar que Veloso teve apoio do ilustrador franciscano, frei Francisco Solano, nascido em Macacu (Bediaga; Lima, 2015, p. 95).

O convento de São Boaventura de Macacu ainda possui suas ruínas no local onde se situou a vila de Santo Antônio de Sá (Macacu), posto-chave para organização da ocupação do Sertão do Macacu. Na documentação, por várias vezes, este convento aparece como local de apoio para várias ações das autoridades. Em carta do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa ao comandante do Sertão de Macacu, tenente-coronel Manoel Soares Coimbra, de 15 de maio de 1786, aparece que "Ao Padre Guardião do Convento de Santo Antônio desta Vila pode V. S.^a segurar de minha parte que tem licença do Sr. Bispo para poder qualquer dos seus Religiosos celebrar em Altar Portátil".¹⁴ Em carta de 20 de julho de 1786, o tenente-coronel, envolvido com as atividades de ocupação do Sertão, entre elas a feitura de estradas, solicitava ao vice-rei Luís de Vasconcelos o envio das ferramentas, que solicitara através de uma listagem "para me não

¹⁴ BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09, 3, 017-021. Carta do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa ao padre guardião do convento de São Boaventura de Macacu. 15 de maio de 1786. In: Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

ser preciso pedir ferramentas emprestadas como tenho pedido ao Guardião do Convento da Vila que, por servir-me, deixou de continuar as suas obras por falta de pedra".¹⁵

A obra de frei Mariano, inclusive, é associada aos trabalhos do próprio Vandelli, já que seria "muito conveniente a confrontação entre a *Flora Fluminensis* e a *Florae Lusitanicae et brasiliensis specimen*, de Vandelli (1788), uma obra contemporânea, preparada pelo botânico italiano responsável pela consolidação dos estudos de ciências naturais em Portugal..." (Bediaga; Lima, 2015, p. 88. Grifos no original). Desfrutando do reconhecimento do vice-rei Luís de Vasconcelos e Souza, frei Veloso desenvolveu o seu gigantesco trabalho de organizar a coleção:

As coletas de frei Vellozo, sob as ordens de Vasconcelos e Souza, não se limitavam às plantas: foram diversas as coleções de peixes e conchas, as amostras de madeiras, pássaros, minerais e animais vivos ou taxidermizados enviados posteriormente ao Museu Real e ao Jardim Botânico de Ajuda, em Lisboa. Ele também desenvolveu técnicas para que o material enfrentasse as mudanças climáticas e a longa travessia do Atlântico, de modo que, ao aportar em Lisboa, estivesse em perfeito estado de conservação, mantendo suas características originais. Diversas correspondências entre Martinho de Mello e Castro, ministro da Marinha e do Ultramar, e Luís de Vasconcelos e Souza mostram elogios ao seu trabalho pelos naturalistas de Portugal, além da Rainha, D. Maria I. (*Idem*).

Buscando pistas para a análise, nas fontes do Sertão do Macacu aparecem menções ao uso de saberes ilustrados na área da Engenharia, Matemática e Hidráulica para construção de pontes, travessias de rios, conserto de estradas e outras atividades. Saberes estes utilizados no processo de conquista da região. Em carta de 21 de junho de 1787, o engenheiro Francisco Duarte Malha (*apud* Cunha, 2012, s./p.) prestou informações ao superintendente do Sertão, Manoel Pinto da Cunha e Souza, para cumprir a sua incumbência de "elevar o Plano do Novo Descoberto do Sertão de Macacu". Duarte Malha foi militar, comandante da Fortaleza de Santa Cruz e "natural do Eixo, Bispado de Coimbra, em Aveiro, era filho de Francisco Duarte. Casado com D. Rita de Menezes, faleceu repentinamente a 15 de fevereiro de 1818, na Fortaleza de Santa Cruz da Barra do Rio de Janeiro [...] foi sepultado na Igreja dos Terceiros de São Francisco de Paula" (*Idem*). Escreveu Francisco Duarte Malha, em sua carta:

Foi o mesmo Sr. servido ordenar-me desse princípio a minha Carta do Porto do desembarque de Ventura Paes, por lhe parecer era lugar suficiente, até o qual dava o Rio Macacu fácil Navegação, e que eu podia ver e averiguar. [...] em onze de setembro de mil setecentos e oitenta e seis anos, para o que fiz as operações que menciona uso das operações que ensina Belidor¹⁶ no seu Curso de Matemática, Livro dezesseis, Capítulo terceiro, reflexão segunda, páginas trezentas e dez, para conhecer a velocidade do Rio,¹⁷ e achei que tendo no meio de sua corrente três palmos de fundo, era a velocidade de vinte e duas braças por

¹⁵ BN-RJ, Seção de Manuscritos, doc. 09, 3, 017-021. Carta do tenente coronel Manoel Soares Coimbra ao vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa. 20 de julho de 1786. In: Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

¹⁶ Trata-se da obra *Ensaio sobre a theoria das torrentes e rios [...]* (1800), coletânea com trabalhos de Bernard Forest de Belidor, Charles Bossut (1730-1814), Jean-Antoine Fabre (1744-1834), Francesco Maria de Regi (1720-1794), Guillaume Viallet (17??-18??). (Disponível em: <https://purl.pt/11989>. Acesso em: 21 mar. 2019).

¹⁷ O livro é *Nouveau Cours de Mathematique a L'Usage de L'Artillerie et du Genie ou l'on Applique* (1725).

minuto, e diziam então os Práticos desta navegação que o Rio levava um volume de água proporcionado para melhor se navegar por ter chovido.¹⁸

No campo da engenharia, apresenta a "Correspondência...", os planejamentos para a construção de pontes em travessias de rios, em localidades no interior do Sertão do Macacu, registradas como "Entrada do Mato", "Serra do Espinhaço do Cão" e no Rio Grande.¹⁹ Aparecem minuciosos levantamentos de estudos para execução das mesmas, com descrição de materiais, cálculos de custos, normas para construção, etc. Figuram nas fontes, também, as plantas dessas pontes.²⁰ Responsável por todo o trabalho, o militar ajudante de engenharia Antônio Rodrigues Montesinho, que elaborou o Mapa Corográfico da Capitania de São Paulo, iniciado em 1765 (Derntl, 2011, p. 10).

Também, no campo dos saberes médicos, as fontes referentes ao Sertão do Macacu apresentam indícios da circulação de conhecimentos e práticas voltadas, em especial, para o atendimento de militares e outros agentes sociais acometidos de vários tipos de doenças. Na "Relação dos Remédios que se precisam para Sortimento da Botica pertencente a Expedição do Canta Galo", de 1787, pode-se observar uma longa lista de remédios para uso dos Cirurgiões, "Professores" e Boticários que serviam no Sertão atendendo aos enfermos, dos quais citam-se alguns: Flores de Violas, Flor de Sabugo, Flor de Papoulas, Raiz de Funcho, Raiz de Salsa Ortense, Raiz de Aipo, Ameixas metidas em açúcar, Passas de Alicante, Maças de Cipreste, Cascas de Romãs, Sementes frias sem casca, Unguento branco, Unguento de chumbo, Unguento de camelo, Unguento de Altea, Desopilativo, Balsamo Arceo, Emplasto emoliente, Confortativo, Tinta da China, Rezina de Batata, Óleo de amêndoas doces, Agua de Rainha de Hungria, Água de Milicia, Elixir de Rotterdam, Láudano opiado, Mercúrio doce, Cantáridas em pó.²¹

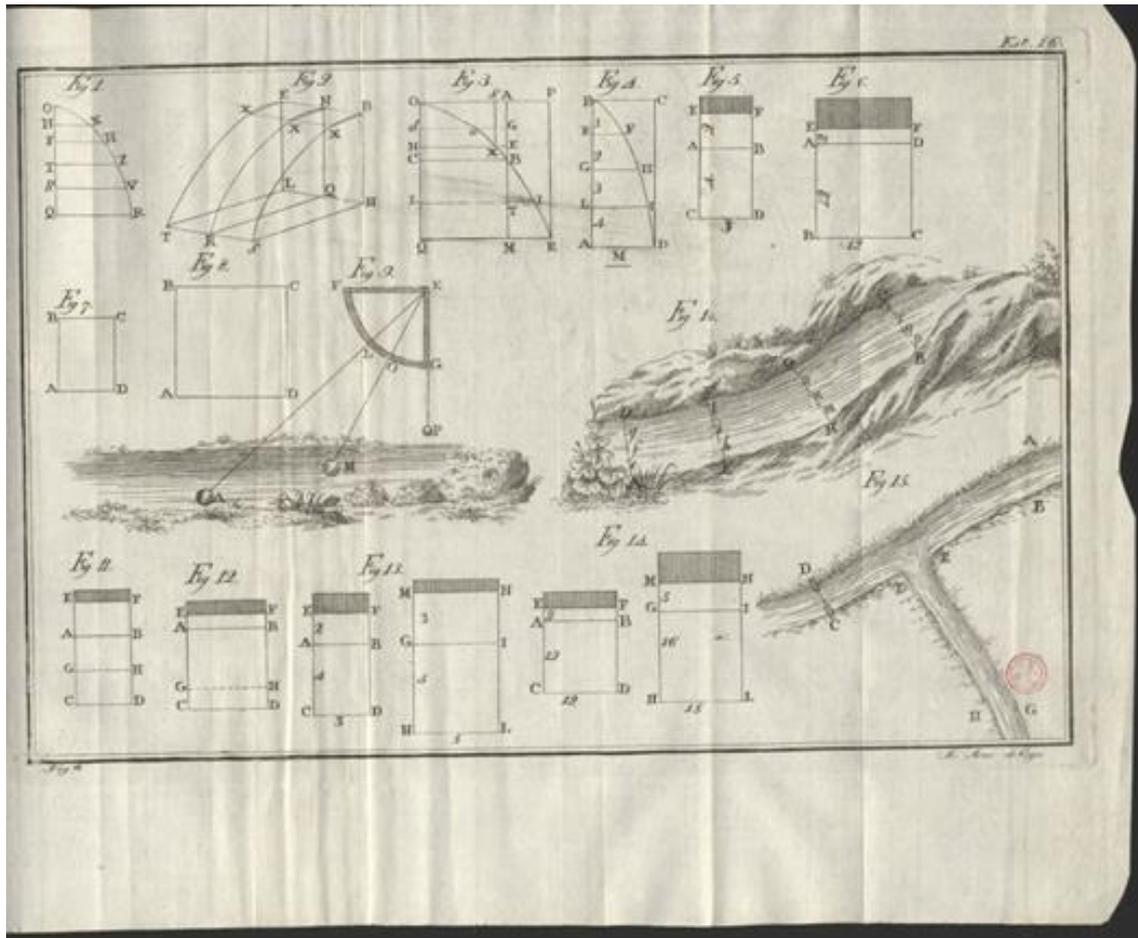
¹⁸ BN-RJ, Seção de Manuscritos, cat. 09, 3, 017-21. Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ As fontes não trazem dados precisos acerca da localização dessas pontes, apesar de indicar o nome das localidades para onde se destinavam. Contudo, o que nos induziu a apresentá-las se baseou em dois aspectos: o fato da necessidade de se utilizarem técnicas de engenharia, carpintaria e outras para sua construção e de que as fontes apresentam que as mesmas se destinavam ao Sertão do Macacu, tivessem sido realmente construídas ou não.

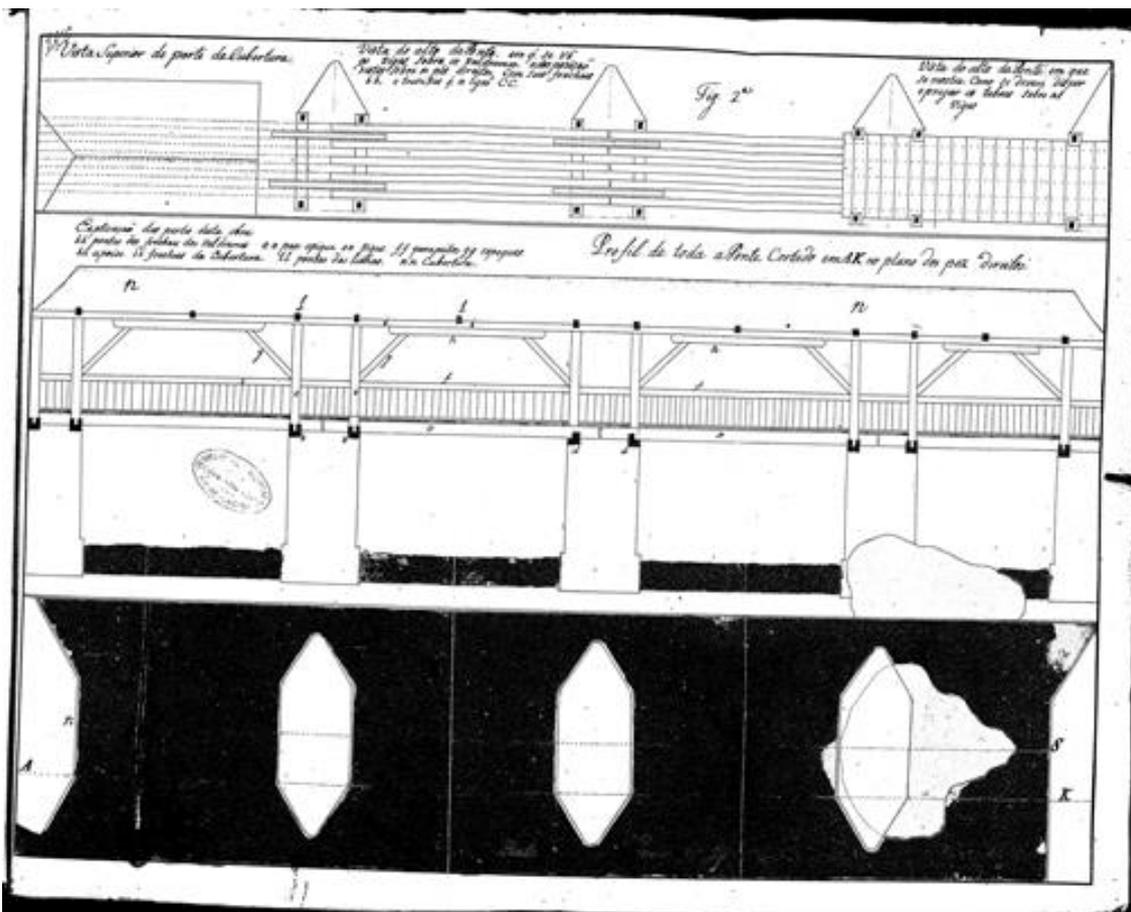
²¹ BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 02, 328, 89. Relação dos Remédios para Sortimento da Botica pertencente a Expedição do Canta Galo. [1787]. Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

Figura 2 – Gravura de um dos estudos sobre rios de Belidor



Fonte: BELIDOR, Bernard Forest de; BOSSUT, Charles [1730-1814]; FABRE, Jean-Antoine [1744-1834]; REGI, Francesco Maria de [1720-1794]; VIALLET, Guillaume [17??-18??]. *Ensaio sobre a theoria das torrentes e rios [...]*. Lisboa: Offic. Patr. de João Procópio Correa da Silva, 1800. Disponível em: <https://purl.pt/11989>. Acesso em: 21 mar. 2019.

Figura 3 – Planta da ponte feita pelo ajudante engenheiro Antônio Rodrigues Matosinho para travessia de rio nos Sertões do Macacu - Registro da Entrada do Mato.



Fonte: BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 02, 481, 280. Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

Observam-se, nas fontes, os relatos da presença de militares e outros sofrendo de vários tipos de doenças, conforme se pode observar abaixo, no Quadro 2.

Estes são apenas alguns casos, sendo relatada também a presença de escorbuto, ferimentos ocasionados por acidentes de trabalho e outros. Em muitos casos, os doentes foram transferidos para a vila de Macacu ou para a cidade do Rio de Janeiro, na busca de acesso a melhores cuidados.

Quadro 2 – Tipos de doenças no Sertão do Macacu

Doente	Doença	Fonte	Data
Sargento Auxiliar Boaventura Paes	Retenção de urinas	Carta do Tenente-coronel Manoel Soares Coimbra ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza.	06 ago. 1786
Vigário	Sezões (febres), vômitos, desintéria, coceiras.	Carta do Desembargador Superintendente Manoel Pinto da Cunha e Souza ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza.	03 nov. 1787
Cabo de Esquadra de Granadeiros Manoel de Matos Soldado Manoel Antônio	Moléstia Manchas escrituricas	Carta do Tenente-coronel Manoel Soares Coimbra ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza.	11 jan. 1787
Tenente José Caetano Porta Bandeira José da Fonseca	Dores e vômitos Erisipela	Carta do Alferes João de Abreu ao Tenente-coronel Manoel Soares Coimbra.	06 abr. 1787
Tenente Albino dos Santos Pereira	Duas erisipelas	Carta do Tenente Albino dos Santos Pereira ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza.	28 jul. 1787
Cabo de Esquadra José Veladas	Erisipela	Carta do Capitão Francisco José Vieira ao Vice-Rei Luís de Vasconcelos e Souza.	02 out. 1787

Fonte: BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09, 3, 017-021. Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

Para o tratamento dos doentes havia a assistência de cirurgiões. Ana Carolina de Carvalho Viotti, em seu trabalho intitulado *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)* (2017), e Carla Berenice Starling de Almeida, em *Medicina Mestiça. Saberes e práticas curativas nas minas setecentistas* (2010), comentam acerca da existência de uma hierarquia entre aqueles que praticavam as artes curativas. Neste sentido, não deixaram de haver conflitos envolvendo os médicos e cirurgiões formados na Universidade de Coimbra e outras instituições europeias com os curadores instruídos mais na prática cotidiana do que através da aprendizagem acadêmica. Um embate dessa natureza ocorreu no interior do Sertão do Macacu, por motivo da doença sofrida pelo tenente Albino dos Santos. Em carta do desembargador superintendente das Minas, Manoel Pinto da Cunha e Souza, escrita no Arraial de Cantagalo ao vice-rei Luís de Vasconcelos, em setembro de 1787, este relatou:

O Tenente Albino dos Santos tem padecido frequentes ataques de sua erisipela que o prostaram muito, e o puseram na necessidade de ser tratado por um Professor. Com esta notícia lhe enviei um dos cirurgiões deste Arraial, José Vicente da Silva, como também os remédios que este pediu depois de o ter visto, e a pouco tempo recebi do mesmo Cirurgião uma Carta em que me participa um novo e grande ataque, que o dito tivera e que além disto padecia uma rotura abaixo do estômago pela qual lhe saía às vezes o intestino e neste mau estado e frequentes

recaídas que padece não [ilegível] o dito Cirurgião que as atribui ao País poderá só por si remediá-lo como necessita.²²

Ao que nos indicia a fonte, o cirurgião parece não ter tido condições de tratar o doente com base em seus conhecimentos, já que atribuiu a natureza da doença do tenente "ao País", ou seja, às condições presentes no Sertão, certamente distintas do que possuía de aprendizado acadêmico. Na busca de remediar essa situação, o desembargador apresenta um relato que descortina a possibilidade do acesso a curadores mais familiarizados com as doenças locais. Os grifos são meus:

Estes Cirurgiões, ou pelo desuso de contínuas e grandes moléstias, que não tem aqui havido, ou *pela falta de livros que não poderão trazer*, suponho que não poderão fazer aqueles grandes progressos que costumam merecer o conceito do Povo no que não é comum e que facilmente se aclama e por isto *alguns enfermos preferem os conselhos do Boticário e eu não deixo de lhes achar razão porque alguns curativos em que este tem entrado não deixaram de ter melhor sucesso como a pouco se viu no Mestre da Carpintaria Manoel de Jesus*, que adoecendo gravemente de moléstia, que desde o seu princípio mostrava de abundância e vício de colora, foi tratado em diverso conceito pelo Cirurgião José Vicente e chegou a estado de ser Sacramentado.²³

Tratado pelos cirurgiões, o tenente quase falecera, e, segundo o desembargador, ao se dar preferência à assistência do boticário, o mesmo tivera, na perspectiva daqueles homens, melhora. A situação dessas disputas de saberes parece se confirmar com o restante do relato do desembargador porque, consultado mais de um cirurgião, estes buscaram tratar o enfermo e ao que induz o relato, chegaram a intervir no tratamento feito pelo boticário. Os grifos novamente são meus:

Ordenando eu, porém, que *ambos os Professores, apesar da diversidade dos seus pareceres, lhe assistissem*, vendo se podiam concordar, e *que fosse também ouvido o Boticário, veio esse a assentar que era uma desinteria e sendo tratada como tal foi o enfermo tendo alguns alívios*, que teriam sido maiores se os ditos Professores não os desmanchassem por vezes, concedendo-lhe ora caldos com ovos, ora vinho com marmelada ora simples [ilegível] que deram ocasião a algumas recaídas pelas quais vendo-se muito atrasado, o dito enfermo entrou em uma pertinaz resolução de se ir [...] a essa Cidade chorando como uma criança.²⁴

Parece bem nítido o confronto de saberes entre homens instruídos a partir dos conhecimentos acadêmicos adquiridos e os praticados pelo boticário, supostamente mais afeito às doenças locais, a formas de tratamento e remédios que seriam mais eficazes. Os cirurgiões, confrontados em sua autoridade enquanto licenciados, no relato do desembargador quase teriam levado o infeliz tenente à morte. Este, desesperado e temendo pela própria vida e no meio de um confronto entre os cirurgiões e o boticário, viu como única saída implorar "chorando como

²² BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09, 3, 017-021. Carta do Desembargador Superintendente das Minas Manoel Pinto da Cunha e Souza, ao Vice-rei Luís de Vasconcelos. Arraial de Cantagalo, setembro de 1787. In: Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790. (Grifos nossos).

²³ *Idem.*

²⁴ *Idem.*

uma criança", que o removessem para a cidade do Rio de Janeiro. Frente às reformas promovidas na Universidade de Coimbra, tendo por base o clima de se buscar o avanço português no campo científico, ao que parece, conhecimentos práticos vividos por conhecedores de particularidades locais, não desprezados inclusive pelo desembargador, fizeram-se presentes no Sertão do Macacu.

O grande "Teatro da Natureza", presente no vasto "sertão atlântico" do Macacu, e em meio à sua complexa rede de negociações e conflitos, apresentou-se como potencial – e creio, efetivo – campo para a aplicação de conhecimentos dos letrados, recolhimento de espécimes que, provavelmente, foram motivo de curiosidade, interesse e mesmo espanto aos visitantes nos gabinetes de curiosidades e museus criados na Europa no contexto da Ilustração lusa.

Referências

Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) - Conselho Ultramarino (CU) - Rio de Janeiro (RJ).

AHU-CU-RJ, cx. 106, doc.927. Ofício do vice-rei marques do Lavradio ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro, remetendo amostras de madeiras, ervas e outras plantas daquela capitania de onde se extraem diferentes tintas. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1778.

AHU-CU-RJ, cx. 116, doc. 20. Ofício do vice-rei marques do Lavradio ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro, remetendo amostras de madeiras, ervas e outras plantas daquela capitania de onde se extraem diferentes tintas. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1778.

AHU-CU-RJ, cx. 116, doc. 63. Ofício do vice-rei marques do Lavradio ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar Martinho de Melo e Castro, remetendo amostras de madeiras, ervas e outras plantas daquela capitania de onde se extraem diferentes tintas. Rio de Janeiro, 11 de maio de 1778.

AHU-CU-RJ, cx. 165, doc. 62. Descrição do que contém o distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro], 07 de abril de 1797.

AHU-CU-RJ, cx.161, doc. 12071. Descrição do que contém o distrito da Vila de Santo Antônio de Sá de Macacu feita por ordem do vice-rei do estado do Brasil, conde de Resende [D. José Luís de Castro], 07 de abril de 1797.

Arquivo Nacional - Rio de Janeiro (AN-RJ)

AN-RJ. Índice da correspondência da Corte de Portugal com os vice-reis do Brasil no Rio de Janeiro de 1763 a 1807. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1901.

AN-RJ. Registro de Ordens Régias, códice 78, vol. 12, p. 132v a 134v. Auto de Ereção da Vila de Santo Antonio de Sá, [s. d.].

Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro (BN-RJ)

BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09,03,017-021. Correspondência e documentos relativos às novas minas de Macacu, do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786--1790. 5 vols. 1338 p. (Cópia).

BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09, 3, 017-021. Carta do vice-rei Luís de Vasconcelos e Sousa ao padre guardião do convento de São Boaventura de Macacu. Rio de Janeiro, 15 de maio de 1786.

BN-RJ, Seção de Manuscritos, loc. 09, 3, 017-021. Correspondência e documentos relativos às Novas Minas de Macacu do Rio de Janeiro, de que era superintendente geral Manuel Pinto da Cunha e Souza. Rio de Janeiro, 1786-1790.

Mapas

ROSCIO, Francisco João. Carta corographica da capitania do Ryo de Janeyro, capital dos estados do Brasil. [S.l.], 1777. 1 mapa ms., desenho a nanquim, 58 x 94,5cm em f. 60 x 96,5. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart534317.htm. Acesso em: 16 jul. 2019.

Bibliografia

ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. *Medicina Mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas*. São Paulo: Annablume, 2010.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A geografia do crime*. Violência nas Minas Setecentistas. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BEDIAGA, Begonha; LIMA, Haroldo Cavalcante de. A "Flora Fluminensis" de frei Vellozo: uma abordagem interdisciplinar. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, Belém, v. 10, n. 1, p. 85-107, jan.-abr. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-81222015000100005>.

BELIDOR, Bernard Forest de. *Nouveau Cours de Mathematique a L'Usage de L'Artillerie et du Genie ou l'on Applique*. Paris: Claude Jombert, 1725.

BELIDOR, Bernard Forest de; BOSSUT, Charles [1730-1814]; FABRE, Jean-Antoine [1744-1834]; REGI, Francesco Maria de [1720-1794]; VIALLET, Guillaume [17??-18??]. *Ensaio sobre a theoria das torrentes e rios [...]*. Lisboa: Offic. Patr. de João Procópio Correa da Silva, 1800. Disponível em: <https://purl.pt/11989>. Acesso em: 21 mar. 2019.

CAMARGO, Angélica Ricci. Tropas Auxiliares. (Verbetes). *Memória da Administração Pública Brasileira - Arquivo Nacional*. (Site). Publicado em: 10 nov. 2016. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/213-tropas-auxiliares>. Acesso em: 30 set. 2023.

CARDOSO, José Luís. Introdução. In: VANDELLI, Domenico. *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas (1789-1815)*. Tomo I. Lisboa: Banco de Portugal, 1990.

CARVALHO, Sebastião Antônio Bastos de. *A Odisseia de "Mão de Luva" na Região Serrana Fluminense*. Nova Friburgo, RJ: CEPEC, 2013 [1991].

CONCEIÇÃO, Gisele Cristina da. Natureza ilustrada: estudos sobre a Filosofia Natural no Brasil ao longo do século XVIII. In: POLÓNIA, Amélia et al. *História e Ciência: Ciência e Poder na Primeira Idade Global*. Porto: Universidade do Porto, 2016.

CUNHA, Waldir da. Francisco Duarte Malha. Comandante da fortaleza de Santa Cruz da Barra do Rio de Janeiro. *Mensário do Arquivo Nacional*, n. 3, [1981]. Disponível em: http://www.cbg.org.br/wp-content/uploads/2012/07/malha_francisco_duarte.pdf. Acesso em: 21 mar. 2019.

DERNTL, Maria Fernanda. Práticas urbanísticas e produção de saberes sobre o território na capitania de São Paulo restaurada. *Anais do [...] Simpósio Nacional de História, XXVI*. São Paulo: ANPUH, jul. 2011.

DIAS, Acácio Ferreira. *Terra de Cantagalo*. Subsídio para a História do Município de Cantagalo. Niterói, RJ: Artes Gráficas Cantagalo, 1979.

DIAS, Acácio Ferreira. *Terra de Cantagalo*. Subsídio para a história do município de Cantagalo. Vol. II. Niterói, RJ: Artes Gráficas Cantagalo, 1981.

ERTHAL, Clélio. *Cantagalo*. Da miragem do ouro ao esplendor do café. Niterói, RJ: Nitpress, 2008.

FARIA, Sheila de Castro. Ouro, porcos, escravos e café: as origens das fortunas oitocentistas em São Pedro de Cantagalo, Rio de Janeiro (últimas décadas do século XVIII e primeiras do XIX). *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, v. 26, 2018.

GOMES, Mauro Leão. *Ouro, posseiros e fazendas de café. A ocupação e a degradação ambiental da região das Minas do Canta Gallo na Província do Rio de Janeiro*. 2004. Tese (Doutorado em Ciências em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) – Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

MARRETTO, Rodrigo Marins. *A escravidão velada: a formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX*. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2014.

MAYER, Jorge Miguel. "Mão de Luva": História e Lenda. *Revista Tessituras*, Nova Friburgo (RJ), n. 6, 2015-2016.

MELNIXENCO, Vanessa Cristina. *Friburgo & Filhos: tradições do passado e invenções do futuro (1840-1888)*. 2014. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

MERCADANTE, Paulo. *Os Sertões do Leste*. Estudo de uma Região: A Mata Mineira. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MUNTEAL FILHO, Oswaldo. Acadêmicos e letrados na crise do Antigo Regime luso-brasileiro – Século XVIII. *Revista Intellectus*, UERJ, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, 2006.

OLIVEIRA, Rodrigo Leonardo de Sousa. *"Mão de Luva" e "Montanha": bandoleiros e salteadores nos caminhos de Minas Gerais no século XVIII (Matas Gerais da Mantiqueira: 1755-1786)*. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora (RJ), 2008.

- PEIXOTO, Érika Mendonça. O sertão virou café. *Revista UNIABEU*, v. 6, n. 13, p. 310-326, maio-ago. 2013a.
- PEIXOTO, Érika Mendonça. Santa Clara do Macuco e a metamorfose do trabalho (1850-1888). 2013. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Salgado de Oliveira, Niterói (RJ), 2013b.
- SILVA, Célia Nonata da. *Territórios de mando: banditismo em Minas Gerais, século XVIII*. Belo Horizonte: Crisálida, 2007.
- SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis*. São Paulo: Ed. UNESP, 2013
- SOUZA, José Antônio Soares de. As minas do sertão de Macacu. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 326, jan.-mar. 1980.
- VANDELLI, Domenico. *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas (1789-1815)*. Tomo I. Lisboa: Banco de Portugal, 1990.
- VANDELLI, Domenico. Memórias sobre a agricultura deste reino, e das suas conquistas. In: *Memórias Econômicas da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas (1789-1815)*. Tomo I. Lisboa: Banco de Portugal, 1990.
- VIOTTI, Ana Carolina de Carvalho. *As práticas e os saberes médicos no Brasil colonial (1677-1808)*. São Paulo: Alameda, 2017.